Revista Brasileira de Educação em Geografia
www.revistaedugeo.com.br
ISSN 2236-3904

CARTOGRAFANDO FLORIANÓPOLIS:
experimentando as possibilidades do mapa

Marina Coelho Rosa e Silva
marinacrs@gmail.com

Mestre em Educação pela Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC) e Professora da Rede Municipal e Estadual de Ensino de Santa Catarina.

ORCID: https://orcid.org/0000-0002-3433-1073

Ana Paula Nunes Chaves
ana.chaves@udesc.br

Doutora em Educação pela Universidade de São Paulo (USP) e Professora do Departamento de Geografia e do Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC).

ORCID: https://orcid.org/0000-0002-5754-3001

RESUMO

Este artigo busca ampliar os horizontes do trabalho com a cartografia na educação básica. Para tanto, trouxemos a experiência da atividade Cartografando Florianópolis, realizada com um sétimo ano de uma escola da Rede Municipal de Ensino. A atividade gerou dezessete mapas e suas carto-falas, produzidos pelos alunos com o objetivo de problematizar o mapa clássico, como única maneira de representar o espaço, e traçar outros imaginários geográficos existentes sobre a cidade. A investigação teve como marco teórico estudiosos da cultura visual, cartografia e ensino de Geografia como Verónica Hollman, Gisele Girardi e Jörn Seemann. A análise dos mapas e suas carto-falas demonstrou como os registros visuais são importantes para entendermos as imaginações geográficas acerca da cidade representada. A Florianópolis representada pelos alunos está relacionada ao seu espaço de convivência, às características do bairro e aos lugares que conheceram com a escola. Os mapas trabalhados em sala de aula foram além dos conceitos cartográficos do espaço, quando trouxeram feições do cotidiano e, até mesmo, de percepções sentimentais da cidade e com a cidade. Evidenciamos, assim, que sentimentos também perpassam o espaço vivido dos alunos, por isso, foram representados simbolicamente nos mapas e nas carto-falas investigados.

PALAVRAS-CHAVE

Cartografia escolar, Carto-falas, Imaginários geográficos.

MAPPING FLORIANÓPOLIS:
experimenting with the possibilities of the mapa

ABSTRACT

This paper aims to broaden analytical horizons for the working with cartography in basic education. For this, we brought the experience of the Cartografando Florianópolis activity carried out with the seventh year of a school in the Municipal Education. There are a total of seventeen maps and their speech cards produced by the students with the aim of problematizing the classic map as the only way to represent space and trace the existing geographic imaginaries about the city. The research was the theoretical framework for visual culture, cartography and teaching of geography such as Verónica Hollman, Gisele Girardi and Jörn Seemann. The analysis of the maps and their speech cards demonstrated how the visual records are important to understand the geographic imaginations about the represented city. The Florianópolis represented by the students is related to their living space, the characteristics of the neighborhood, the places they got to know with the school. The maps worked on in the classroom can go beyond the cartographic concepts of space, when they bring everyday features and even sentimental perceptions of the city and the city. Thus, we evidenced that feelings also permeate the space experienced by the students, and that is why they were symbolically represented on maps and in speech cards.

KEYWORDS

Teaching geography, School cartography, Geographic imaginaries.

Introdução

O uso de recursos imagéticos, e mais especificamente os mapas, são frequentemente utilizados no ensino de geografia e produzem imaginários geográficos sobre determinadas realidades representadas. Nesse contexto, a geografia escolar torna-se uma forma de difundir determinado olhar para o espaço a partir da repetição de imagens cartográficas em sala de aula e nos livros didáticos. Então, como podemos deslocar o olhar geográfico para assim produzir outros imaginários para além daqueles já recorrentemente gerados? Afinal, para pensar o espaço, não devemos também refletir sobre as maneiras de representá-lo?

Neste contexto, trazemos a potência da produção de representações espaciais como criadoras de mundos, e não apenas como ferramenta que afirma e ilustra um determinado conteúdo espacial. Pensando nisso, apresentamos neste texto um fragmento da experimentação desenvolvida durante a pesquisa de mestrado intitulada "O caminhar como forma de produzir cartografias: Outras imagens do centro de Florianópolis" (SILVA, 2020). A pesquisa teve como objetivo investigar e propor cartografias criadoras do centro

de Florianópolis, por intermédio da deriva geográfica. Investigamos sobre o caminhar e o cartografar e, para isso, foi produzido, junto aos alunos da escola básica, uma série de atividades envolvendo produções cartográficas, caminhada à deriva no centro da cidade e o registro das atividades em fotografias.

O recorte trazido neste texto são os resultados e as análises da primeira etapa da pesquisa. Antes de partir para o caminhar pela cidade, experimentamos com os alunos as possibilidades de cartografar a cidade. Para isso, produzimos mapas na atividade denominada Cartografando Florianópolis. O exercício teve como objetivo abordar as possibilidades de representação espacial, além de identificar aquilo que os estudantes conheciam e consideravam importante em Florianópolis. A partir dessa intervenção em sala de aula, buscamos refletir sobre qual o imaginário geográfico existente sobre o lugar de vivência dos alunos e suas formas de representação.

Para refletir acerca dos imaginários geográficos sobre a cidade, pensamos com Lenzi (2010, p. 89) ao afirmar que uma "cidade não se resume a seus limites físicos, mas estende-se para além deles por meio de suas imagens, que também são parte da cidade, e de sua produção imaterial, parte essa ilimitada pelas possibilidades do imaginário". A partir dessa reflexão, buscamos trazer os elementos cartografados pelos alunos sobre a cidade de Florianópolis, os símbolos que dizem sobre a cidade e quais os imaginários geográficos que eles carregam.

As possibilidades da cartografia e os imaginários geográficos

A Geografia, como disciplina escolar, oferece visões do mundo, da nação, do território e das paisagens, contribuindo para formação de imaginários geográficos, sendo estes "um conjunto de mecanismos através dos quais as pessoas conhecem o mundo e se situam no espaço e no tempo" (HOLLMAN, 2010, p.167). Assim, a geografia escolar torna-se uma forma de difundir determinado olhar para o espaço e imaginários geográficos coletivos. No entanto, a circulação de imaginários geográficos transcende o espaço escolar, uma vez que a sociedade contemporânea, saturada de imagens, também cria imaginários sobre determinada localidade.

Por todas essas razões, torna-se relevante pensar o visual na ciência geográfica tento em vista a própria etimologia da palavra geografia, onde está contida no radical grafia a questão da representação, por isso, pode-se conceber a geografia como um discurso visual do mundo (HOLLMAN, 2010; AZEVEDO, 2014; ROSE, 2013). Hollman

(2008) escreve sobre o despertar de interesse nas formas de olhar as imagens e a preocupação pelo conjunto de temas relacionados à imagem, visão e visualidade na geografia e na cultura contemporânea, definindo esse processo como *Giro Visual*[1]. Já Oliveira Junior (2009), sobre a centralidade das imagens na construção do conhecimento, aponta os estudos culturais como marca da utilização das imagens para o entendimento da sociedade.

Se a imagem na geografia gera discursos visuais e formas de conceber o mundo, existe a necessidade de utilizar diferentes maneiras para pensar as imagens e, mais especificamente, a cartografia, pois partimos do pressuposto que existe um modo dominante de pensar e representar o espaço geográfico. Neste contexto, acreditamos na potência da utilização de outras linguagens cartográficas que possibilitam diferentes e plurais aproximações com o espaço e sua representação.

Ao analisar o recurso imagético cartográfico nas propostas curriculares de Geografia, Dal Pont (2018) afirma que o ensino da cartografia ainda é considerado uma área fragmentada das demais, como se fosse possível pensar separado a representação, leitura e compreensão de mundo no momento específico da formação escolar. A autora (2018) salienta que a cartografia não pode ser considerada apenas um tópico da formação escolar, pois devemos fomentar proposições que apontem modos de ler o mundo por meio das diferentes linguagens, sendo a cartografia escolar essencial no processo de compreensão espacial.

Em se tratando da problemática da cartografia escolar, Oliveira (2007) discorre que o mapa é utilizado pelos professores no ensino de Geografia como ilustração para espacializar conhecimentos, como forma de provar e documentar uma verdade. Por isso, afirma que o processo de mapear não pode ser desenvolvido de forma isolada. Para a autora, para aprender a ler mapas, é preciso construí-los, exercitando a partir da prática modos de mapear os espaços de vivência.

Para Girardi (2011), as práticas de ensino que valorizam os mapas ainda estão vinculadas a um único entendimento de como se deve cartografar e, assim, a uma única forma de pensar o espaço. Nessas práticas cartográficas, os alunos possuem o papel de leitores de mapas, reproduzindo aquilo que já está dado a conhecer, por uma forma já culturalmente consolidada do cartografar (GIRARDI, 2009).

Pensando na necessidade da construção de uma educação cartográfica com

[1] A expressão *giro visual* foi mantida no texto na língua espanhola, porém, em português, a expressão pode ser traduzida como virada visual. Hollman (2008) escreve sobre essa expressão baseada em Richard Rorty, quando trata da história da filosofia e seus *giros*, ou retomadas, onde novos conjuntos de questionamentos surgem tomando o espaço daqueles antigos paradigmas.

alunos atentos à sua realidade, Dal Pont (2018) afirma que para aprender a ler mapas é preciso construí-los com o intuito de conhecer os motivos que nos fazem mapear.

Tendo em vista a importância da cartografia escolar no ensino de geografia e a necessidade da construção de mapas, Seemann (2011) recomenda a utilização daquilo que chama de mapas mentais, onde o aluno pode mapear o espaço de vivência, já que cada sociedade produz e reproduz cartografias específicas e maneiras distintas de pensar e representar os espaços. De acordo com o autor, a

> cartografia na sala de aula se baseia principalmente no modelo científico-normativo das sociedades ocidentais e não dá a devida atenção à vida cotidiana e aos mapas na nossa mente, os quais não obedecem a regras matemáticas e pensamentos geométricos. (SEEMANN, 2011, p. 39).

De acordo com Seemann (2013), os mapas mentais devem ser considerados objetos de pesquisa e não classificados apenas como desenho, pois a geografia que carregamos na mente, e as maneiras que processamos as informações, dizem como percebemos, concebemos e conceituamos, cartograficamente, o espaço. Para o autor, os mapas mentais "não são estruturas concretas em nossa cabeça, mas processos cognitivos, determinados pelos modos pelos quais percebemos, vemos e compreendemos o mundo" (SEEMANN, 2013, p. 102). Por isso, não queremos tratar a cartografia apenas como ferramenta técnica, mas sim como parte da nossa relação com o espaço geográfico e as práticas sociais, ou seja, uma ferramenta que permite o mapeamento, inclusive, de nossos espaços de vivência, de nossas sensações no e com o espaço, bem como as experiências com os sujeitos ali envolvidos. É nessa direção que o experimento Cartografando Florianópolis, apresentado a seguir, toma como inspiração as reflexões de Seemann a respeito dos mapas mentais e sua importância no ensino de geografia.

Cartografando Florianópolis: os mapas e suas carto-falas

A prática educativa Cartografando Florianópolis visava identificar o que os alunos conheciam e consideravam importante na representação da cidade, tecendo aproximações com aquilo que os alunos identificavam como representação, por meio do conhecimento cotidiano e de suas memórias. A atividade foi realizada no mês de março de 2019, com o sétimo ano da Escola Básica Municipal Professora Dilma Lúcia dos Santos, pertencente à rede municipal de ensino de Florianópolis, localizada na Estrada Geral da Armação, sul da Ilha de Santa Catarina.

Os alunos receberam uma folha contendo apenas a delimitação territorial do município de Florianópolis e deveriam, individualmente, representar nesse mapa mudo[2] aquilo que a cidade significava para eles, trazendo elementos imagéticos de suas experiências com o espaço geográfico. Para criarem o mapa personalizado, os estudantes tinham à disposição revistas para recortar, tesoura, lápis de cor e giz de cera.

A atividade teve como inspiração o livro *Mapping Manhattan*, da autora norte-americana Becky Cooper (2013). Cooper caminhou pelas ruas nova-iorquinas com pequenos mapas em branco da ilha de Manhattan, os quais foram distribuídos para milhares de pessoas seguidos da seguinte instrução: mapeie suas memórias. O livro reúne 75 mapas resultantes de seu projeto na cidade de Nova Iorque.

Assim, esperávamos que, além da grafia do espaço por meio da confecção dos mapas, os alunos produzissem textos explicando e descrevendo as suas escolhas, expondo suas reflexões e percepções sobre a sua Florianópolis, conhecida, habitada, vivida e experimentada.

Tivemos dezessete mapas e suas carto-falas e, na sequência, iremos apresentar algumas análises feitas desse material. Dentre os trabalhos realizados pelos estudantes, escolhemos seis para ilustrar a análise (Figuras 1 a 6). Em relação aos textos, iremos utilizar alguns fragmentos para exemplificar a relação que os alunos fizeram entre a escrita e a representação espacial. Os títulos que nomeiam as figuras foram os títulos sugeridos pelos estudantes aos mapas confeccionados.

[2] Chamamos de mapa mudo uma representação que apresenta apenas as delimitações territoriais sem nenhuma informação, ou seja, um mapa em branco.



Figura 1: Ilha da Magia
Fonte: Arquivo das autoras (2019)



Figura 2: Florianópolis é paixão
Fonte: Arquivo das autoras (2019)



Figura 3: Minhas brincadeiras do dia
Fonte: Arquivo das autoras (2019)

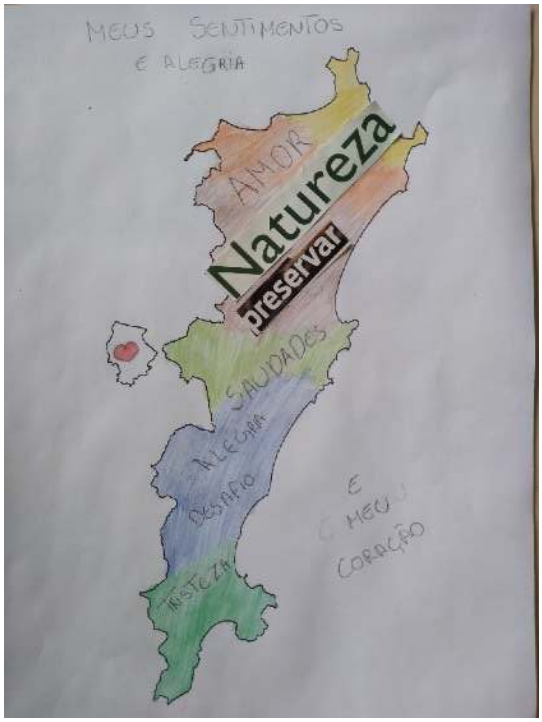

Figura 4: Meus sentimentos e alegrias
Fonte: Arquivo das autoras (2019)



Figura 5: Ilha da magia: que atrai muitos turistas
Fonte: Arquivo das autoras (2019)



Figura 6: Ilha da magia II
Fonte: Arquivo das autoras (2019)

Dentre as representações espaciais trazidas nos dezessete mapas, os elementos mais encontrados foram a pesca e os times de futebol, os quais tiveram dez menções cada um dos temas; a prática de esporte foi mencionada em cinco mapas; o *surf*, a presença de baleia, a presença de indígenas, praia e natureza, foram mencionados quatro vezes cada um dos temas nos mapas; lendas e bruxas, apareceram em três mapas e, problemas urbanos, em dois mapas.

Dentre os elementos que mais apareceram nos mapas, onze deles foram representações relacionadas ao sentimento dos alunos com o espaço ou com sentimentos mais íntimos. Grande parte das representações trazidas nos mapas exploraram o contexto próximo à escola e às residências dos alunos, no sul da Ilha de Santa Catarina.

Ana[3] inicia seu texto falando que "O sul da Ilha é a Ilha da Alegria, pois tem praia, minha família, meus amigos, a escola, entre outras coisas. Os pescadores são super legais. E têm as praias do Matadeiro, Armação, Lagoinha do Leste, Campeche, Pântano e muitas outras" (Arquivo das autoras, 2019).

A atividade da pesca, mostrando as embarcações tradicionais, cardumes e as

[3] O nome dos participantes é fictício para garantir o anonimato dos estudantes.

redes de pesca apareceram em diversos mapas. A comunidade da Armação do Pântano do Sul é conhecida por ainda ter características da cultura da pesca artesanal. Ainda sobre as práticas econômicas e culturais relacionadas ao mar, os alunos representaram baleias, pois a região recebe em suas águas todos os anos, no período de julho a novembro, a visita da baleia franca austral.

Um grupo representou em seus mapas os símbolos dos times de futebol locais, o Avaí e o Figueirense, e colocaram os distintivos próximos à localização real dos estádios de cada um dos times (Figura 1 e Figura 2). Nos textos, a relação com os times aparece da seguinte maneira: "O melhor time de Santa Catarina é o Figueirense. Ô istepô[4], o time é uma máquina, junto ao seu rival de Florianópolis o mais fraco Avai" (Arquivo das autoras, 2019). Perguntamos para esse grupo se todos conheciam e torciam para o time, alguns disseram que não, e tinham como referências clubes de fora da cidade, mas conheciam a localização dos estádios. Com esse mapa, podemos perceber que cada aluno teve a chance de representar aquilo que mais conhece ou chama a atenção da cidade, no caso, o interesse em comum foi pelo futebol. Outros alunos, além de representarem a localização dos estádios, mostraram o futebol como movimento que praticam na rua e, também, o local onde treinam o esporte. "Eu coloquei a escola de futebol porque é um dos meus lugares favoritos em Florianópolis" (Arquivo das autoras, 2019), escreveu Felipe.

A presença de representações relacionadas à prática de esportes também está no imaginário dos alunos sobre a cidade. Nos mapas, os esportes mais citados são aqueles relacionados ao mar, como o *surf* (Figura 5). Acreditamos que esse fato se dá pela escola estar localizada próximo à praia, então, a relação e a vivência desses alunos com o mar e com os esportes a ele relacionados é muito frequente. No momento da atividade, alguns já haviam explanado que praticavam o *surf*, e outros nos contaram que gostavam e conheciam o esporte. Isso ficou evidente nos desenhos e textos, como no de Felipe, quando afirma que desenhou "um surfista porque tem muito surfista aqui, eu também surfo mas é de *bodybord*" (Arquivo das autoras, 2019). Outro esporte que apareceu nos desenhos foi o parapente (Figura 5), já que essa prática é também frequente no bairro. Bruno relata que "quando eu ia brincar com o meu amigo tinha um cara de parapente" (Arquivo das autoras, 2019).

Ainda em relação à pratica de esportes, uma aluna intitulou o mapa de "Minhas Brincadeiras do Dia" (Figura 3), onde apresentou as brincadeiras que mais gosta: futebol,

[4] No vocabulário da cidade, a expressão istepô é utilizada para chamar de forma amigável aquele que incomoda ou atrapalha.

amarelinha, pula corda, nadar em cachoeira, lagoas e esconde-esconde. Além disso, utilizou algumas palavras para expressar seus sentimentos: imaginação, paz, vida e amor.

João explicou seu mapa e a relação com as bruxas com a frase: "Desenhei aquela bruxa porque se chama ilha da magia, aí então ela representa um pouco do nome conhecido da cidade" (Arquivo das autoras, 2019). Esse imaginário relacionado à Ilha da Magia foi algo singular nas representações, acreditamos que os alunos possuem essa percepção muito relacionada às atividades culturais promovidas na escola.

Um fato que chamou atenção foi a representação da presença indígena. Este é outro elemento representado que acreditamos se relacionar com as propostas promovidas pela escola, tendo em vista a Proposta Pedagógica que possui como eixos norteadores a Educação Ambiental e a Educação das Relações Étnico-Raciais, em conformidade com as Leis do Ministério da Educação nº 10.639/03 e a Lei 11.645/2008. Atualmente, não existe comunidade indígena no território de Florianópolis, pois as aldeias foram afastadas para os municípios próximos. Por isso, essa representação é tão significante, uma vez que colabora com o entendimento das origens do povo brasileiro e das contribuições dadas em manifestações culturais e sociais.

As praias e elementos relacionados à natureza trazem representações de locais já conhecidos ou visitados pelos estudantes. Em virtude dessa turma fazer parte do projeto intitulado "De Naufragados à Ilha do Campeche - conhecendo a ilha ao som do Daza" [5], realizado em 2018 com a professora de geografia, muitos dos pontos das saídas de campo do projeto foram referenciados pelos estudantes em seus mapas. Todos os lugares visitados estavam contemplados nos mapas: a Ilha do Campeche, a Praia de Naufragados, a Lagoa do Peri, a Lagoa da Conceição e as lendas relacionadas aos povos indígenas que viviam na Ilha, também, foram trazidos em alguns mapas.

Não percebemos relações com lugares mais distantes e nem com a porção continental da cidade. Os alunos usaram o mapa para representar o espaço conhecido por eles, aquele vivido e experienciado no cotidiano. Grande parte dos mapas apresentou o território da cidade todo preenchido com elementos, mesmo esses não estando com a sua localização geográfica correta. Os elementos mais distantes da localização onde se encontra a escola foram a Praça XV, com a centenária Figueira (Figura 2). Em pesquisa com mapas mentais feita por Seemann (2013), no Cariri, estado do Ceará, o autor percebe o mesmo fator analisando os mapas feitos por alunos, em sua análise, grande parte do estado do Ceará era deixado em branco enquanto diversos

[5] Para saber mais ver trabalho de conclusão de curso intitulado "As Paisagens de Florianópolis em Cartões Postais: Afinando as Possibilidades Entre a Geografia Escolar e a Música" (SOUZA NETO, 2019).

elementos e cidades locais eram representados no mapa.

Observando a Figura 2 e a Figura 6, percebemos que os alunos fizeram referência às pontes que estabelecem a ligação entre a ilha e o continente, conhecidas por seus problemas relacionados à mobilidade urbana e aos engarrafamentos. Maria salienta este fato em seu texto afirmando que "É por causa das propagandas e praias que a cidade acaba atraindo muitos turistas e recebendo o prêmio de pior lugar para dirigir, fiz até um desenho do trânsito na ilha" (Arquivo das autoras, 2019).

Além dos elementos relacionados às referências culturais, alguns alunos sentiram a necessidade de representar e expressar seus sentimentos (Figura 3). Palavras como amor apareceram nos desenhos, e elas nem sempre estavam relacionadas ao apreço pela cidade e, sim, por um sentimento mais pessoal de afeto à família, amigos ou mesmo ao primeiro amor e suas desilusões. A palavra alegria, em alguns mapas, estava relacionada ao estar na cidade que gostam, onde moram os seus amigos e a família, e à pratica de atividades e brincadeiras. As palavras saudade e luto também apareceram, expressando a distância física de alguns amigos e parentes que moram em outros lugares, e com a distância espiritual daqueles que já morreram.

Além da representação espacial produzida nos mapas, os alunos criaram textos descrevendo sua produção cartográfica. Foram nesses textos adjuntos aos mapas que a relação com os sentimentos dos estudantes ficou perceptível. No mapa intitulado Meus sentimentos e alegrias, a aluna descreve cada palavra:

> O meu mapa representa a minha cidade como eu vejo do meu jeito, representa o amor, alegria, saudades, tristeza e natureza. É importante a gente preservar as coisas que a natureza nos dá. O amor é um sentimento que todos nós temos em nossos corações, quando a gente fica apaixonado é maravilhoso, é uma alegria. A alegria quando a gente brinca de pega-pega, esconde-esconde, corda, anda de bicicleta e fica perto da família e dos amigos. Saudade é quando a gente fica longe de alguém que sentimos saudades e de uma pessoa que já se foi de nós. Tristeza é um sentimento que deixa a gente pra baixo quando uma pessoa querida se vai pra longe. (Arquivo das autoras, 2019)

A proposta de confecção do mapa e do texto teve como objetivo representar Florianópolis e, com as análises, evidenciamos o quanto as simbologias do cotidiano dos alunos estão presentes na concepção de cidade. As práticas culturais do dia a dia do bairro, a cultura local e as paisagens naturais do sul da Ilha de Santa Catarina estavam presentes em todas as representações. A produção de cartografias valorizou as múltiplas formas que os alunos representam sua cidade, principalmente, a partir de elementos que destacam seu espaço de vivência no cotidiano.

Seemann (2013) considera que por trás de fachadas de mapas escondem-se

discursos e visões de mundo, existem então diversas realidades por trás dos mapas. Então, o autor apresenta a expressão carto-falas para referir sobre as estratégias de captar as histórias e o grau de cultura cartográfica, descrevendo sobre como as pessoas fazem e leem mapas no seu cotidiano. As falas sobre os mapas apareceram nas conversas entre os alunos durante a atividade e, também, nos textos escritos pelos mesmos. Para Seemann (2013), as carto-falas são como mapas falantes que retratam as histórias e vivências em determinado local, a relação entre indivíduo, espaço e lugar.

Os alunos entenderam a proposta Cartografando Florianópolis de diversas maneiras. Percebemos que os mapas podem ir muito além dos conceitos cartográficos do espaço, pois partem para concepções do cotidiano e, até mesmo, de percepções sentimentais da cidade e com a cidade. Entendemos, assim, que o espaço não é formado apenas por elementos físicos e visíveis, sentimentos também perpassam sobre o espaço vivido pelos alunos, por isso foram representados nos mapas e nas carto-falas. Os diversos sentimentos são estimulados pelo espaço geográfico, mas também esse mesmo espaço serve de palco para o compartilhamento de sentimentos mais íntimos, por ser o espaço onde os estudantes vivem.

Entendemos que os alunos possuem a visão de cidade formada pela convivência no bairro e lugares próximos e, também, nos lugares conhecidos por atividades propostas pela escola. Esse fato é importante para pensarmos possíveis saídas de campo na cidade, no sentido de fazer com que os alunos encontrem com uma realidade até então desconhecida, a cidade com seus problemas e contradições sociais.

Aquilo chamado de aspectos formais dos mapas, elementos obrigatórios na cartografia clássica, não aparecem nos mapas produzidos em sala de aula. O único elemento identificado foi o título. Escalas, legendas e localização deram espaço para o depoimento pessoal da cidade vivida por cada aluno, o que não despreza em nada o potencial desse material. Afinal, os mapas feitos pelos alunos nos aproximaram da necessidade de pensarmos as geografias menores, abrindo caminhos para outra dimensão de produção e leitura de mapas, indo além da representação como ferramenta.

Reflexões finais

Desde o início da década de 1990, Florianópolis vem sendo exaltada na mídia nacional e internacional por suas belezas naturais, alto Índice de Desenvolvimento Humano e seu reflexo na qualidade de vida da população, segurança, crescimento do

setor de tecnologia e promoção de eventos. Esse discurso foi investigado por Lenzi (2010) a partir de análise de publicidade oficial, de material turístico e propagandas de condomínios e a autora concluiu que o discurso construído, a partir das imagens e dos interesses econômicos em divulgar uma Florianópolis turística, distorce e generaliza a realidade do lugar, por isso, afirma que Florianópolis é uma invenção turística. Para Lenzi, Florianópolis não é uma cidade apenas rodeada por praias paradisíacas que comporta somente o turismo como fonte econômica, sua realidade é composta pela dinâmica social local que muitas vezes não é divulgada na publicidade.

Nesse sentido, quando propomos cartografar mapas que representam a relação vivenciada por estudantes com seu lugar de vivência, constatamos certo deslocamento no olhar nas representações produzidas pelos alunos. A prática pedagógica que deu origem aos mapas mentais, pertencente à categoria de representações não cartesianas, é uma modalidade de mapa que não deve ser menosprezada na educação, pois transmitiu diferentes visões de mundo, representando aspectos que por muitas vezes ficam ocultos nos mapas oficiais, como emoções, valores e opiniões.

A representação produzida pelos alunos nesta atividade com mapas evidenciou elementos atrelados à cidade como mercadoria, ligada à ideia de paraíso turístico, ou seja, uma cidade litorânea e sua relação com as praias, belezas naturais e a prática de atividade física. Mas, sobretudo, identificamos certa mudança no olhar produzida pelos alunos ao evidenciarem elementos culturais locais. Esses elementos foram representados tanto nos mapas, como nas carto-falas. Os alunos representaram as populações indígenas, que em nenhum momento foram contempladas nas imagens turísticas. Também temos nas representações cartográficas o registro de lendas que envolvem bruxas, atividades econômica e cultural da pesca artesanal e a presença de baleias. Para argumentar esse contexto local, os alunos utilizaram no texto termos que fazem parte da linguagem ilhéu. Os conflitos urbanos, nos mapas produzidos pelos alunos, trouxeram questões relacionadas ao trânsito.

Acreditamos que a percepção dos alunos está estreitamente ligada ao ambiente que vivem, tanto do bairro que tem acesso às características relacionadas no mapa, como da escola, que desenvolve projetos de valorização da geografia local. As histórias relatadas em carto-falas vão além do mapa, sendo atreladas ao próprio contexto de confecção dos mesmos. Talvez, a mesma prática realizada em outro contexto social não teria o mesmo resultado, esse fator evidencia a potência mapeadora em contextos escolares para irmos além das representações clichês da cidade.

Referências Bibliográficas

AZEVEDO, Ana Francisca de. Cultura Visual: As potencialidades da imagem na formação do imaginário espacial do mundo contemporâneo. **Geografares**, Vitória, v. 1, n. 17, p. 7-21, ago. 2014.

COOPER, B. **Mapping Manhattan**: A love (and sometimes hate) story in maps by 75 New Yorkers. New York: Abrams Image, 2013.

DAL PONT, Karina Rousseng. A (im) possibilidade do mapa. Tese (**Doutorado em Educação**) - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2018.

GIRARDI, Gisele. Mapas desejantes: uma agenda para a Cartografia Geográfica. **Pró-Posições**, Campinas, v. 20, n. 3, p.147-157, 2009.

GIRARDI, Gisele. Cartografias alternativas no âmbito da educação escolar. **Revista Geográfica de América Central**, Costa Rica, p. 1-15, 2011.

HOLLMAN, Verónica. Geografía y cultura visual: Apuntes para la discusión de una agenda de indagación. **Estudios Socioterritoriales. Revista de Geografía**. N. 7, p. 120-135, 2008.

HOLLMAN, Verónica. Imágenes cartográficas del mundo e imaginarios geográficos en la geografía escolar en Argentina. **ETD – Educação Temática Digital,** Campinas, v.11, n.2, p.165-187, jan./jun. 2010.

LENZI, Maria Helena. Das imagens à ausência. Das imagens, a ausência. Um estudo geográfico sobre a ilusão do tempo nas imagens de Florianópolis. Dissertação (**Mestrado em Geografia**) - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2010.

OLIVEIRA, Lívia de. Estudo metodológico e cognitivo do mapa. In: ALMEIDA, Rosangela Doin de (Org.). **Cartografia escolar**. São Paulo: Contexto, 2007. p. 15-42.

OLIVEIRA JUNIOR, Wenceslao Machado de. Grafar o espaço, educar os olhos. Rumo a geografias menores. **Pro-Posições**: A Educação Pelas Imagens e Suas Geografias, Campinas, v. 20, n. 3, p. 17-28, set. 2009.

ROSE, Gillian. Sobre a necessidade de se perguntar de que forma, exatamente, a geografia é visual? **Espaço e Cultura**, UERJ, Rio de Janeiro, n. 33, jan./jun. 2013.

SEEMANN, Jörn. O ensino de cartografia que não está no currículo: olhares cartográficos, 'carto-fatos' e 'cultura cartográfica'. In: NUNES, F. G. (Org.). **Ensino de geografia**: novos olhares e práticas. Dourados, MS: UFGD, 2011, p. 37-60.

SEEMANN, Jörn. Histórias da cartografia, imersão em mapas e carto-falas: métodos para estudar culturas cartográficas. In: CAZETTA, V.; OLIVEIRA JUNIOR, W. M. (Orgs.). **Grafias do espaço:** imagens da educação geográfica contemporânea. São Paulo: Átomo & Alínea, 2013. p. 87-105.

SILVA, Marina Coelho Rosa e. O caminhar como forma de produzir cartografias: outras imagens do centro de Florianópolis. Dissertação (**Mestrado em Educação**) - Universidade do Estado de Santa Catarina, Florianópolis, 2020.

SOUZA NETO, Luiz Jayme de. As Paisagens de Florianópolis em Cartões Postais: Afinando as Possibilidades Entre a Geografia Escolar e a Música. Trabalho de conclusão de curso (**Graduação em Geografia**) - Universidade do Estado de Santa Catarina, Florianópolis, 2019.

Recebido em 23 de setembro de 2021.

Aceito para publicação em 12 de janeiro de 2023.